

Presidente rejeita pressão

Fernando Henrique avisa aos aliados que é ele quem manda no Governo

Rio - Em meio a uma série de consultas para compor a equipe ministerial do segundo governo, o presidente Fernando Henrique Cardoso deixou claro ontem que não aceitará pressões. Ao negar que esteja pensando em adotar um programa de privatização mais radical, como sugeriu o presidente nacional do PFL, o senador eleito Jorge Bornhausen (SC), que defendeu a venda da Caixa Econômica Federal, Petrobras e do Banco do Brasil, ele aproveitou para mandar um duro recado aos partidos da base governista e ressaltou que quem manda no Governo é ele.

"A opinião de um líder é sempre respeitada. Não é a minha. E quem manda sou eu", salientou Fernando Henrique, durante coletiva concedida pelos chefes de Estado que participaram da XV Reunião do Conselho do Mercosul, na Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan).

Na abertura da reunião de trabalho com os chefes de Estado do Mercosul, realizada no início da manhã, sem saber que seu discurso estava sendo transmitido para os jornalistas, Fernando

Henrique criticou o comportamento da imprensa de priorizar a divulgação de pontos ruins do processo de integração no Cone Sul. "A despeito de uma ou outra incompreensão de certos setores da sociedade, como a mídia, que não transmite tudo que é bom, mas tenta informar tudo que é ruim, pode dar a impressão de que o nosso processo de integração pode estar ainda um pouco nebuloso", observou.

Fernando Henrique lembrou que tem o respaldo da população brasileira, na medida em que foi reeleito ainda no primeiro turno. O Presidente destacou que, durante a campanha, adiantou ao País tudo que pretendia fazer. Por isso mesmo, ele rejeita a proposta de Bornhausen em favor da privatização da Caixa, Petrobrás e do Banco do Brasil.

"O povo que me elegeu. Eu não disse nunca isso. Não é minha tendência. Não é questão que esteja na agenda. É uma opinião de muitas pessoas, algumas que são da base do Governo. Tudo que eu farei eu disse que ia fazer. Eu nunca disse que faria isso. Eu tenho respaldo de milhões de brasileiros que me dão apoio suficiente para ouvir a opinião de todos os brasileiros, tomá-las em consideração, mas decidir pela minha própria cabeça".

Ao tentar frear as pressões dos aliados por mais espaço no Governo, Fernando Henrique acabou condenando, ainda que de maneira indireta, a postura

assumida pelo presidente do Senado, Antonio Carlos Magalhães (PFL-BA). Por se sentir aliado do processo de escolha da nova equipe ministerial, o senador ameaça não assinar o pedido de convocação extraordinária do Legislativo. De qualquer forma, é difícil que o Presidente venha a alimentar nos próximos dias essa queda-de-braço com Antonio Carlos, mesmo porque o senador tem sido um aliado importante nas votações de interesse do Governo.

Ontem mesmo, antes de encerrar a coletiva dos chefes de Estado do Mercosul, o Presidente fez questão de anunciar que o Senado havia acabado de aprovar, em votação simbólica, o acordo firmado entre o Brasil e o Fundo Monetário Internacional (FMI). Ele elogiou a colaboração dos senadores e destacou que, com um Congresso sintonizado com os problemas e interesses do País, governar é muito fácil.

■ A presença do presidente Fernando Henrique Cardoso, ontem, no Museu Nacional de Belas Artes, na Cinelândia, no Rio, provocou três momentos de confronto entre policiais militares e manifestantes, que culminaram com a detenção de quatro estudantes. O grupo era formado por alunos da Uerj e Uni-Rio, sindicalistas ligados à CUT e militantes de PSTU e PCB.